

O ABSURDO EXISTENCIAL E O SUICÍDIO NO *MITO DE SÍSIFO* DE ALBERT CAMUS

Larissa Rodrigues da CUNHA¹

Adriano Pereira da SILVA

RESUMO

O presente artigo busca compreender as causas filosóficas do suicídio. Um ato que possui inúmeros motivos, que geralmente não são discutidos no cotidiano, e ao permanecerem velados, despertam indignação e aversão. Seu processo subjetivo e individual se dá em resposta à realidade social, na qual o indivíduo está inserido e encontra os absurdos da existência. A fundamentação teórica do trabalho consiste na investigação e análise dos conceitos de Absurdo e Suicídio apresentados na obra *O Mito de Sísifo* do filósofo existencialista Albert Camus, bem como um estudo crítico do contexto histórico da Modernidade, caracterizado como o período marcado pelo absurdo da angústia existencial. A relevância do trabalho estriba-se na inquietude filosófica de perceber os impactos provocados pela crise racional das guerras do século XX e pelas contradições do desenvolvimento científico, gerando dilemas existenciais, que afetam o homem no contexto atual. Por esta razão, a metodologia adotada centra-se na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo sobre os conceitos filosóficos discutidos no corpo do texto.

PALAVRAS-CHAVES

Suicídio; Absurdo; Camus; Mito de Sísifo; Existência

1. Introdução

O suicídio é tido como o atentado contra a própria vida, influenciado por inúmeros motivos de natureza social, política, econômica ou emocional. Geralmente velados, esses motivos não são mencionados ou discutidos no cotidiano até que o evento aconteça novamente. A maioria das pessoas reagem com repulsa à menção do assunto e de forma ainda mais acentuada tendem a condenar previamente o indivíduo que demonstra algum interesse pelo

¹ Pós Graduando em Estudos Filosóficos – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-092 – Avaré-SP – Brasil —larissarocunha@outlook.com

tema, considerando ser algo supersticioso e até mesmo maligno que esteja envolvendo o indivíduo no caminho que o levará ao ato fatal.

A preocupação com esse fenômeno torna-se maior à medida que esse ato continua se repetindo. Nos últimos anos, houve um aumento nos registros de suicídio em todo o mundo; no Brasil os números não são diferentes. Dados do Ministério da Saúde mostram que o número tem aumentando de maneira preocupante. Segundo a repórter Natália CANSIAN, do jornal Folha de São Paulo,

O Brasil registrou 11.433 mortes por suicídio em 2016, o equivalente a 31 casos por dia. Os dados, representam um aumento de 2,3% em relação ao ano anterior, [...] Essa é a segunda vez que os dados nacionais sobre suicídio são divulgados pelo Ministério da Saúde. A primeira foi em 2017, quando foram registrados 11.178 casos no país referentes a 2015. [...] Em 2016, a taxa de mortalidade por suicídio no Brasil foi 5,8 casos a cada 100 mil habitantes. Para comparação, em 2007, esse índice era de 4,9 mortes a cada 100 mil habitantes – um aumento de 18%. (CANSIAN, 2018, p. 01)

Além do porcentual de mortes por suicídio aumentar a cada ano, a reportagem também destaca que no grupo dos homens esse número é três vezes maior do que no grupo das mulheres, mas que elas os superam em relação à tentativa de suicídio. Que podem se dar de inúmeras formas, em que CANSIAN destaca a intoxicação por remédios, drogas e até mesmo agrotóxicos, ou ainda com o uso de armas de fogo, facas, cordas, ou ainda afogamento.

Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), também proporcionam uma leitura detalhada das causas, como: desemprego, violência, depressão, fragilidades emocionais, como culpa e arrependimento, e doenças mentais. Que dão uma importante noção do quanto o indivíduo pode ficar vulnerável a uma decisão extrema como a do suicídio. A partir do exame desse problema social cada vez mais evidente, que afeta em diferentes níveis tanto indivíduos quanto a sociedade, pois são pessoas que deixam de contribuir funcionalmente, que “Na década de 1960, fundou-se a Associação Internacional de Prevenção do Suicídio, maior organização não governamental de atuação nessa área. Desde então, foi criado o Setembro Amarelo, data mundial de conscientização sobre o problema, e campanhas passaram a falar mais abertamente sobre o tabu” (OLIVETO, 2018, p. 02).

É preciso destacar aqui que suicídio em si não é um crime, mas o “induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio” (CODIGO PENAL, 2017, p.49) é, e está previsto no Artigo 122², do

² Art. 122. Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça: Pena – reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave. Parágrafo único.

A pena é duplicada: Aumento de pena I – se o crime é praticado por motivo egoístico; II – se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência.

Código Penal, com possibilidades de majoração de penas, se a pessoa que incentiva, o faz por motivo egoísta, como meio para uma conquista particular, ou “se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência” (2017, p. 49), como uma pessoa alcoolizada, ou mesmo um deficiente intelectual.

Neste aspecto, o ato suicida pode ser cometido de inúmeras maneiras e por inúmeros motivos e circunstâncias, as mais impressionantes e espantosas, leva ao questionamento, até certo ponto comum: por que a escolha pelo suicídio? Quais suas causas? O que leva o indivíduo a trocar a vida e todas as suas possibilidades futuras, pela solução imediata e definitiva da morte? Observou-se a princípio, o peso inegável das circunstâncias sociais, especialmente em voga nas discussões contemporâneas, voltadas às questões psicológicas, em decorrências da violência e da depressão. No entanto, na busca pela perspectiva filosófica, também notou-se uma grande porção de posturas sobre o assunto, até mesmo dentro das perspectivas da Filosofia Existencialista, que aborda a realidade humana em seus aspectos mais contraditórios.

O presente trabalho se direcionou sob a forma de Pesquisa Bibliográfica com base no livro *O Mito de Sísifo* de Albert Camus e em autores que trabalham os conceitos de absurdo e suicídio na obra deste autor existencialista franco argelino. Para chegar a perspectiva do absurdo desenvolvida por Camus, se faz necessário observar na história de Sísifo, da mitologia grega, os aspectos que o assemelham a todo indivíduo ocidental, especialmente, que trabalha sem a plena consciência de sua realidade. Sem esquecer do contexto conturbado da primeira metade do século XX, em que Camus viveu e observou seus efeitos visivelmente construtivos e destrutivos.

No capítulo, intitulado “Existencialismo” é tratado das características contextuais, histórica e filosóficas, do desenvolvimento dessa filosofia, de suas principais questões concebidas ao longo da transição da Modernidade para a Contemporaneidade, marcada pela estruturação da sociedade atual, potencialmente esmagadora para o indivíduo.

No capítulo “O absurdo existencial: o Mito de Sísifo”, é observado a descrição do mito desse personagem emblemático do cotidiano condenado pelos deuses, tão semelhante ao homem do século XX. E em suas subdivisões: “Suicídio: Absurdo e Angústia” e “O Regresso: “Não há sol sem sombra, é preciso conhecer a noite”, são apresentados respectivamente, o desenvolvimento da análise de Camus sobre a tomada de consciência dos absurdos da realidade e os consequentes sentimentos de angústia e desespero que esse choque provoca; bem como, no dever de Sísifo de regressar todos os dias para o mesmo trabalho (ou castigo) árduo e de mover a pedra montanha acima para vê-la rolar montanha abaixo logo em seguida, o desenvolvimento de sentimentos e posturas, ora positivas ora negativas, que assim como toda

a forma de trabalho que se torna mais uma prisão rotineira, do que um projeto bem sucedido de vida, pode despertar no indivíduo as atitudes mais desesperadas e controversas.

E em seguida, no capítulo “Liberdade Absurda”, é apresentada a postura que Camus considera a mais absurda: a da liberdade, tão defendida pelos filósofos da corrente existencialista. Porque se constitui como um estágio de consciência determinante, pois gera as decisões e atitudes mais definitivas e trágicas, como também as mais conscientes dependendo de cada indivíduo, de sua subjetividade e desprendimento da realidade e de sua perspectiva de futuro. O suicídio é um dos produtos desse processo descrito, explicado e questionado por Camus.

2. Existencialismo

O suicídio sempre existiu na História da humanidade, com inúmeras causas em abordagens históricas até bem conhecidas, como na Bíblia, e em outras fontes literárias que marcaram historicamente seus países, assim como as transformações de seu tempo. Destacam-se como exemplos: “Os sofrimentos do jovem Werther” de Goethe, publicada em 1774, que levantou uma importante discussão sobre o assunto na literatura alemã; e também Aldous Huxley com seu “Admirável mundo novo”, publicado em 1932, que apresenta um olhar pessimista sobre as conquistas da ciência, ambas retratam o confronto entre os sentimentos do homem com as regras da sociedade oposta a ele, resultando na renúncia a esta sociedade. É nesse interim, das transformações econômicas modernas e contemporâneas e suas consequências sociais, que no decorrer do século XX, o tema do suicídio ganhou uma atenção especial, no desenvolvimento da Filosofia Existencialista, que surgiu “logo após o termino da Segunda Guerra Mundial, numa Europa mergulhada nas sequelas do conflito” (PENHA, 2001, p.007).

As desilusões provocadas pelo período com os maiores conflitos mundiais afetaram muitas pessoas. Desde vítimas diretas das consequências das guerras a indivíduos que perderam a fé em conceitos e ideologias, que antes veneravam. Segundo PENHA,

[...] a guerra gerou um ambiente de desanimo e desespero, sentimentos que atingiam particularmente a juventude, descrente dos valores burgueses tradicionais e da capacidade de o homem solucionar racionalmente as contradições da sociedade (2001, p. 07).

Se tornou mais perceptível, uma mudança de postura e de humor tendendo ao pessimismo, no modo como os indivíduos viviam e se relacionavam. Essa transformação, que ganhou expressividade ao longo do tempo foi denominada Existencialismo. Uma corrente filosófica que não tem uma origem específica, tanto com relação ao uso do termo, quanto à datação de cada um dos seus expoentes. Ao destacar o período de maior expressividade, COLETTE o define como resultado de seu tempo, das angústias da vida moderna.

Durante as décadas de 1930-1950, o existencialismo parece designar um clima de pensamento, uma corrente literária vinda da Europa do Norte, dos países eslavos ou germânicos. Um de seus traços principais seria a percepção do sentido do absurdo juntamente com a do sentimento trágico da vida. A experiência de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara teria exigido dos artistas, dos escritores e dos filósofos novas inflexões, capazes de repor em questão o exercício de uma liberdade ainda a conquistar. “O existencialismo é mais do que uma filosofia em moda (...), em sua essência mais geral, ele tem a ver com a estrutura e a angústia do mundo moderno”. Assim, obras literárias, políticas e filosóficas de orientações as mais variadas foram tachadas de existencialismo, o que no grande público, aliás, podia qualificar tanto um modo de vida quanto um estilo literário. (COLETTE, 2009. p.07)

Ambos autores descrevem as especificidades do Existencialismo, mas discordam ao defini-lo. Jacques COLETTE vai contra a definição dessa filosofia como uma doutrina – pois para ele o conceito de doutrina visa formar novos seguidores – mas sim como um movimento histórico marcado no tempo como resultado das aflições do seu período, que inspiravam um olhar mais apurado para as consequências das ações humanas. Além de que, seus maiores exemplos foram indivíduos que partiram das próprias desventuras para escrever diferentes interpretações do mundo a sua volta, que posteriormente romperam a fronteira do particular inspirando inúmeros outras críticas e questionamentos.

Marcada fortemente pelos sentimentos de angústia, desespero, desilusão e decepção, frente aos choques que as transformações da modernidade e da contemporaneidade causaram no cotidiano das pessoas, o existencialismo surgiu como expressão da mentalidade de uma época (COLETTE, 2009. P.14). De acordo com o autor, o movimento foi encarado, observado e analisado de diferentes maneiras ao longo dos anos, recebendo julgamentos positivos e negativos.

Ao defrontar com o caráter total das conquistas da sociedade industrial desenvolvida, a teoria crítica fica desprovida de fundamento lógico para transcender essa sociedade. O vácuo esvazia a própria teoria, porque as categorias da teoria social crítica foram criadas durante o período no qual a necessidade de recusa e subversão estavam personificadas na ação de forças sociais eficazes. Essas categorias eram essencialmente negativas, conceitos oposicionistas, definindo as contradições reais da sociedade europeia do século XIX. A própria categoria "sociedade" expressava o

conflito agudo entre as esferas social e política a sociedade antagônica ao Estado.' Do mesmo modo, "indivíduo", "classe", "família" designavam esferas e forças ainda não integradas nas condições estabelecidas - esferas de tensão e contradição. Com a crescente integração da sociedade industrial, essas categorias estão perdendo sua conotação crítica, tendendo a tornar-se termos descritivos, ilusórios ou operacionais. O quadro no qual se inscrevem suas entradas e saídas para sugerir que, diferentemente dos sistemas de pensamento nos quais sempre se traduziu o espírito filosófico, as filosofias da existência não queriam nem podiam se transmitir como doutrinas bem estabelecidas. Mas elas não pretendiam tampouco se apresentar como simples testemunhos de uma época ou como destinos singulares. (COLETTE, 2009, p.14)

Que a ciência e a técnica advindas dos desenvolvimentos gerados pela Revolução Industrial, possibilitaram que às pessoas melhorar sua condição de vida e seu conforto, de maneiras muito benéficas e produtivas ao longo dos séculos e décadas até chegar comodidade que são possíveis de serem observadas hoje, em relação a saúde, a alimentação, a habitação e principalmente no que compete a comunicação, que aproxima indivíduos, das mais distintas realidades, para constituir as mais diversas relações.

Porém, o que seria ideal para essa sociedade não acontece de maneira abrangente na humanidade, nem tão pouco igualitária para as pessoas que compõem os mesmos grupos. Encontra-se sobre estas características negativas da sociedade, na concepção de MARCUSE, uma importante crítica à constituição da sociedade industrial que se formou ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, que foram marcados positivamente por capacidades intelectuais maiores do que em qualquer outro período da história, mas negativamente composta de mecanismos estruturais que engessam os indivíduos sob a força dos grupos e ideologias dominantes, que controlam todas as relações nos âmbitos regionais e internacionais, perpetuando as desigualdades entre os países em prol de uma suposta paz que é mantida sobre uma economia de mercado fortemente limitadora e repressora das individualidades. (MARCUSE, 1973, p.14)

O movimento ganha importância histórica colocando em discussão a ação humana, indo de encontro ao peso que as instituições políticas e religiosas exercem sobre a vida do homem, interferindo e influenciando nas suas escolhas. Pois defende o aspecto fundamental para a constituição do indivíduo, e por conseguinte do ambiente social em que vive, que é a Liberdade de escolher. Que é alcançada a partir da tomada de consciência da realidade a sua volta.

O cerne do existencialismo é a liberdade, pois cada indivíduo é definido por aquilo que ele faz. [...] somos responsáveis por nós mesmos e por aquilo que nos cerca, notadamente, a sociedade: aquilo que nos cerca é nossa obra. Como o pensamento filosófico (abstrato e generalizante) não apreende a existência individual, na qual a angústia tem um papel preponderante. O existencialismo abre-se para a literatura e para o teatro, fazendo a filosofia despontar em romances e peças teatrais." (JAPIASSÚ, 2006, p. 99)

3. O Absurdo Existencial: o Mito de Sísifo

Em um dos períodos mais perturbadores da História mundial, Albert Camus escreveu publicou em 1942, o livro *O Mito de Sísifo*³, que foi escrito a partir da observação dos absurdos da realidade humana vividos no século XX. Nas palavras de Manuel da Costa Pinto, “Camus formulou ideias sobre a gratuidade da existência, o confronto entre a capacidade das coisas e nosso “apetite de clareza”, sobre o “divórcio entre o homem e sua vida, entre o autor e seu cenário” resumidos no subtítulo do livro: *Ensaio sobre o absurdo*” (PINTO, apud CAMUS, 2018, p.05).

Partindo do princípio que, [...] “o tema deste ensaio é justamente essa relação entre o absurdo e o suicídio, a medida exata em que o suicídio é uma solução para o absurdo” (CAMUS, 2018, p. 22). A devida compreensão da ideia de suicídio para CAMUS, como uma solução para os problemas que os indivíduos não conseguem resolver, se faz, primeiramente, ao tomar consciência do Absurdo da realidade humana.

Fundamentado nas nuances e conceitos presentes no Mito de Sísifo, da mitologia grega, Camus aborda a vida humana com seus dilemas e obrigações, que, particularmente, moldam o íntimo de cada indivíduo. Mas que, geralmente, apresentam a mesma estrutura mecânica e psicológica, especialmente no que diz respeito aos sentimentos vividos diante da rotina carregada de imposições e limitações e das conquistas mais esperançosas e efêmeras do dia a dia.

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o "porque" e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. "Começa", isto é importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. Em si, a lassidão tem algo de desalentador. Aqui devo concluir que ela é boa. Pois tudo começa pela consciência e nada vale sem ela. (CAMUS, 2018. p. 27)

Sísifo é o filho do vento (o deus Éolo). Trata-se na narrativa mítica da Grécia Antiga de um camponês que fundou a cidade de Corinto (antes chamada de Éfira), conhecida por ser

³ É tomado como ponto de partida aqui, a 10ª edição deste livro publicada pela editora BestBolso, em 2018. Que conta com a tradução de Ari Roitman e Paulina Watch, com o prefácio de Manuel da Costa Pinto, trazendo um importante e concisa descrição do perfil e da obra de Albert Camus.

povoada de homens que brotaram de cogumelos. Ele se casou com uma das Plêiades (conjunto de estrelas), Mérope, filha do deus Atlas.

Como camponês, Sísifo tinha um rebanho que ia diminuindo sem que ele notasse a razão. Era que um Autólico, um vizinho seu, tinha a capacidade de se metamorfosear em animais e usava essa capacidade para adentrar nas propriedades alheias sem ser notado e roubar os animais nos quais poderia se transformar. Um dia, Sísifo resolveu marcar o seu rebanho e conseguiu seguir as pegadas que levaram até a casa de Autólico, comprovando que este o roubava. Assim, chamou testemunhas para atestar a ladroagem e enquanto os vizinhos discutiam sobre o roubo, Sísifo rodeou a casa e, ao topar com a filha de Autólico, Anticleia, uniu-se a ela e gerou o astuto Odisseu (que tem como marca do pai a esperteza, inclusive mostrada nesse ato).

No entanto, longe dali, ocorria o episódio da abdução de Egina por Zeus. O pai de Egina, Asopo, ao procurá-la, encontrou-se com Sísifo que denunciou Zeus. Este ao escapar da fúria do deus Asopo, vingou-se de Sísifo e ordenou que Hades o levasse ao Tártaro (mundo subterrâneo onde viviam as almas condenadas). Sísifo pediu então a sua esposa, Mérope, que não o enterrasse. Com isso, já no Tártaro, ele persuadiu Perséfone a deixar-lhe voltar à vida para organizar seu sepultamento e se vingar dos negligentes que não o fizeram. Ela o deixou ir por três dias, mas ele quebrou, claro, sua promessa, até que Hermes foi indicado a trazê-lo à força novamente.

Sísifo, então, recebeu uma punição exemplar: rolar diariamente uma pedra montanha acima até o topo. Ao chegar ao topo, o peso e o cansaço promovidos pela fadiga fariam a pedra rolar novamente até o chão e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre. Essa punição era um modo de envergonhar Sísifo por sua esperteza e habilidade usadas para tramar contra os deuses.

3. 1. Suicídio: Absurdo e Angústia

O livro intitulado *O Mito de Sísifo*, é composto por cinco capítulos, que abordam diferentes aspectos do absurdo da realidade humana, analisada a partir do mito. Camus parte da relação entre o suicídio e o absurdo, intrinsecamente ligados, pois o entendimento de um leva a percepção do que é o outro, na sua proporção e atrocidade. Daí vem a indagação sobre esta relação: “Seria um meio de saída dessa monotonia de vida o homem abandonar-se no suicídio, buscando assim a liberdade?” (LIMA, 2011, p. 02).

Do ponto de vista social, há inúmeras causas para uma pessoa tirar a própria vida diante de uma situação problema. Mas quando se trata do ponto de vista filosófico, as observações partem do pensamento individual de cada homem; de seu estado emocional; do possível abalo que pode ter sofrido; da relação do seu íntimo com a realidade e as pessoas a sua volta, que muitas vezes tem pontos de vista muitas vezes divergentes das suas, constroem um cenário de solidão progressivo, levando a atitudes antes questionáveis. Como CAMUS declara:

Aqui, pelo contrário, trata-se, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto desses se prepara no silêncio do coração, da mesma maneira que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma noite, ele dá um tiro em si mesmo ou se joga pela janela. Diziam-me um dia, a respeito de um gerente de imóveis que havia se matado, que cinco anos antes ele perdera sua filha, que desde então tinha mudado muito e que essa história “o deixara atormentado”. Não se pode desejar palavra mais exata. Começar a pensar é começar a ser atormentado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido. (CAMUS, 2018, p.20)

Ao afirmar que, “As pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis uma verdade incontestável – infecunda, entretanto porque é um truísmo” (2018, p.23), CAMUS aponta a necessidade da compreensão, que não se dá facilmente, pois compreender o sofrimento de um indivíduo que se questiona sobre seu lugar no mundo, é tão nebuloso quanto compreender a raiz dos próprios dilemas, mas é preciso ser feito por uma questão de ética, de convivência em sociedade e preservação da vida. Posto que, é algo que acontece no cotidiano das pessoas, nos seus núcleos de convivência, com indivíduos que passaram despercebidos.

Há muitas causas para o suicídio, e nem sempre as causas mais aparentes foram as mais eficazes. [...] os jornais falam com frequência de “aflições íntimas” ou de “doença incurável”. Essas explicações são válidas. Mas teríamos que saber se no dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente. Ele é que é o culpado. Pois isto pode ser suficiente para precipitar todos os rancores e todas as prostrações ainda em suspensão. (CAMUS, 2018, p. 20)

Mesmo ressaltando que a semente do suicídio germina dentro do próprio homem, para CAMUS, a chave desse problema está na realidade em torno do indivíduo, quando este não reconhece mais seu ambiente, nem a si mesmo, perante um fracasso, uma perda, os sentimentos de felicidade e esperança que acompanhavam seus passos se apagam, “num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, [...], o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida” (2018, p.21). Quando essa separação acontece, quando o panorama se torna estranho à ordem natural, há o que CAMUS chama de sentimento do Absurdo. Essa

percepção se dá, a partir do choque entre a perspectiva e a realidade, do espanto com o contraditório, do impossível, do injusto, enfim, diante daquilo que não se espera (2018, p.40). Desse aspecto LINZ resume da seguinte forma:

Para Camus, pelas mais diversas rotas da existência, pode-se chegar à constatação do Absurdo, ele atenta-se aos seus sinais. O primeiro deles é o estado de alma vazia, ou cheia pelo “nada”, “em que o coração procura em vão o elo que lhe falta” (CAMUS, 2013a, p. 27). Os gestos cotidianos se dissolvem no que Camus chama de movimentos da consciência, a partir daí as forças pouco a pouco se esvaem e o mundo perde qualquer atrativo que gaste interesse. (LINS, 2016, p. 41)

Desse ponto até chegar ao suicídio, é uma questão não só da quantia de tempo, mas do amadurecimento da ideia pelo indivíduo. Há inúmeras pessoas que admitem que já pensaram em suicídio e não o fizeram por inúmeros motivos, que o convenceram subjetivamente a continuar diante da adversidade, o próprio CAMUS destaca isso, mas a “questão é saber como livrar-se dele (o absurdo) e se o suicídio deve ser deduzido dele” (CAMUS, 2018, p. 42), ou seja, até que ponto o suicídio, respondendo a indagação acima do próprio LIMA, levaria “a uma falsa esperança de conseguir acabar com o absurdo.” (LIMA, 2011, p.2).

O absurdo é mencionado por muitos filósofos existencialistas que antecederam e sucederam Albert CAMUS, e entende-lo requer um olhar atento para as construções humanas durante toda a história, interpretando essas relações em seus interesses e artifícios. “O Absurdo não é um filho bastardo da modernidade, ele existe desde que existem os homens e o mundo sobre o qual estes foram lançados, e continuará em cartaz enquanto a razão seguir limitada e o mundo envolto a mistérios” (LINS, p. 53). Assim, o absurdo deve ser encarado como resultados das ações humanas, edificadas para a formação da própria sociedade e sua perpetuação.

Sob capítulo intitulado “Os muros absurdos”, CAMUS identifica nas estruturas da sociedade, situações que são verdadeiros equívocos cometidos pelos homens ao se constituírem no tempo e no espaço: como a religião, Deus, a Ciência, a família, enfim, a tentativa de explicar o mundo se faz pela “exigência de familiaridade, apetite de clareza. Compreender o mundo, para um homem, é reduzi-lo ao humano, marca-lo com seu selo. O universo do gato não é o universo do tamanduá. O truísmo “Todo pensamento é antropomórfico” não tem outro sentido” (2018, p. 30). Ou seja, o mundo que conhecemos é produto humano. E essas estruturas humanas, foram maneiras que o próprio homem encontrou para garantir sua sobrevivência, também se tornaram importantes instrumentos que limitam suas ações.

E quando esses mecanismos não são mais eficientes para direcionar o homem às posturas e aos deveres morais que deve seguir para se reconhecer em sociedade e também ser

reconhecido dentro dela. Aí está o ponto de alerta, em que o autor trabalha, o momento em que a realidade, antes normal, se torna sufocante, este é o absurdo.

[...] é preciso considerar como uma referência perpétua, neste ensaio, a defasagem constante entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos, a aceitação prática e a ignorância simulada que faz com que vivamos com ideias que, se as sentíssemos de verdade, deveriam transtornar toda a nossa vida. Diante dessa contradição inextricável do espírito, compreendamos totalmente o divórcio que nos separa de nossas próprias criações. Enquanto o espírito se cala no mudo imóvel de suas esperanças, tudo se reflete e se ordena na unidade de sua nostalgia. Mas em seu primeiro movimento, esse mundo se fissa e se desmorona: uma infinidade de cintilações reverberantes se oferece ao conhecimento. (CAMUS, 2018, p. 31)

Fazendo uma breve análise das obras de importantes escritores e filósofos da corrente existencialista que representaram significativas influências sobre CAMUS, “que ele considera como uma família de espíritos acometidos de angústia diante de um universo onde reinam a contradição e as antinomias.” (COLETTE, 2009, p.81). Nesse período histórico em que viveu, e talvez o mais conturbado da História humana, marcada por uma importante mudança de perspectiva sobre a racionalidade humana: sua maneira de observar e agir, anteriormente qualificada por um ideal de esclarecimento – direcionado para o desenvolvimento de capacidades positivas como a ciência, a técnica, a autonomia. Passa a ser caracterizada por uma crítica profunda a razão (CAMUS, 2018, p.35), e aos produtos de seu exercício, visivelmente destrutivos, sobre a natureza e principalmente sobre o homem e a humanidade.

Não importando “[...] quais sejam ou tenham sido suas ambições, todos eles partiram do universo indizível em que reinam a contradição, a antinomia, a angústia ou a impotência” (2018, p. 35). CAMUS, destaca que, para Heidegger, a angústia é uma companheira positiva para o homem, que compreendendo que sua existência finita e limitada, se torna consciente de seu contexto real e perigoso, que faz com que passe a se cuidar. Assim como, para Jaspers, a necessidade de superar a “ingenuidade” e saber “que o fim da vida é o fracasso (CAMUS, 2018, p. 35)”; a presença constante do irracional em Chestov; e a negação da razão por Husserl, que enfatiza o impulso que leva ao conhecimento, sobre a ciência, sobre o método, “que justifica o pensamento é sua extrema consciência (CAMUS, 2018, p. 38).

Na figura ímpar por Kierkegaard (1803 – 1855), CAMUS o destaca por ser, “talvez o mais interessante de todos, pelo menos durante parte de sua existência fez melhor do que descobrir o absurdo: ele o viu. O homem que escreve: “o mais seguro dos mutismos não é calar-se, mas falar”, (CAMUS, 2018, p. 37). Ou de maneira ainda mais resumida, “A Filosofia Kierkegaardiana da existência é fundamentalmente pensamento de existência temporal ou do

tempo existencial, não apenas do Ser e do Tempo, mas da existência humana em sua temporalidade vivida” (COLLETE, 2011, p. 91).

Como PENHA descreve, “É impossível, não resta dúvida, dissociar a filosofia de Kierkegaard das vicissitudes pelas quais passou.” (PENHA, 2001, p.15) Com uma infância marcada por uma rígida educação luterana, desavenças com o pai, um noivado mal sucedido, vício do álcool, conflitos com a igreja, tendência ao isolamento. Aflições pessoais que determinarão sua filosofia, de tal modo, que é direcionada pelos sentimentos da angústia, do desespero que conscientizam o homem de sua liberdade, que direcionam toda vivência individual de cada um, e coloca como ponto fundamental o poder de escolha, que somente o homem pode fazer, que também é um dos princípios do Existencialismo. É ressaltado aqui o aspecto positivo e construtivo da Angústia, a qual CAMPOS, resume assim:

Por sua vez, o homem que não foi educado na angústia, que não foi edificado na possibilidade infinita, é um homem “sem espírito”, ou seja, não é um “homem espiritual”. De fato, caso o indivíduo não encontre, por meio da fé, a positividade da angústia, ele cai na angústia negativa. E quem está preso às angústias da finitude, isto é, aquelas geradas pelo sofrimento, pela dor, enfim, pelas misérias humanas, ainda não encontrou a angústia superior, que é aquela relacionada à possibilidade infinita. Os aprendizes do finito são pessoas materialistas, sem espírito, cuja imbecilidade a-spiritual as distanciam do infinito. (CAMPOS, 2017, p. 204)

É esse aspecto da filosofia de Kierkegaard, que CAMUS concentra como ponto importante diante dos dilemas de uma vida angustiada, para ele esse é o “ambiente perpetuo do homem lucido” (CAMUS, 2018, p. 36), que entende os pormenores da sua existência, em que vislumbra a realidade nua e crua, das sua possibilidade: de viver e de morrer, de ganhar e de perder, de fracassar ou de ter sucesso, de reconhecer o que justo, do que é absurdo. “A angústia, na leitura de Camus, é a janela pela qual o homem pode, finalmente, ver o mundo absurdo. Alarga-se a consciência para a absurdidade da vida. É como as escamas que caem dos olhos, e o que se vê, a partir da angústia, é um mundo absurdo outrora escondido por trás dos hábitos” (LINZ, 2016, p.46).

Mas, mesmo com essa possibilidade positiva, é preciso lembrar que o estado de absurdo que uma pessoa encara, não é em nada positivo e sim dramático, é o estado mais triste do existir humana, em que tudo gera desânimo, nada parece se tornar motivo para continuar, para buscar o diferente, tudo perde a cor.

E na busca de uma mudança cai na ilusão de que o suicídio é o único modo de conquistar a liberdade da vida rotineira. Como diz Camus, é necessário criar consciência e buscar uma liberdade, mas tem que ter o cuidado e atenção para não entrar na falsa esperança e deixar-se levar pelo suicídio” (LIMA, 2011, p. 04).

3.2. O Regresso: “Não há sol sem sombra, é preciso conhecer a noite” (CAMUS, 2018, p. 124)

O que CAMUS prioriza como ponto mais emblemático na análise do mito de Sísifo, não são as características de sua vida pregressa, nem mesmo a punição dos deuses de empurrar a pedra montanha acima todos os dias. Mas sim a ação de Sísifo de descer atrás da pedra, ladeira abaixo, e as possíveis reflexões que brotam em Sísifo neste breve e rotineiro processo. Que é idêntico a todo intervalo de tempo que separa o fim e o início, de cada dia, de toda rotina humana marcada pelo descanso e a preparação para a jornada do dia seguinte, que será igual ou mais exigente do que o dia anterior.

É durante esse regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que padece tão perto das pedras já e pedra ele próprio! Vejo esse homem descendo com passos pesados e regulares de volta para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora, que é como uma respiração e que se repete com tanta certeza quanto sua desgraça, essa hora é a da consciência. [...] Este mito só é trágico porque seu herói é consciente. [...] O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. (CAMUS, 2018, p. 122 – 123)

Para CAMUS, é esse espaço de tempo da descida que marca a construção do questionamento da realidade; de sua justificação; ou de seu espanto com o absurdo. É aqui que nasce a angústia que toma conta do homem, e o norte para suas futuras decisões, o ponto de escolha entre o ir e o ficar, o permanecer e o desistir, e por conseguinte, é o ponto de escolha entre a vida e a morte: “Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou a ficar. A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e porque se fica, no segundo. Defino assim o problema do suicídio e o interesse que se pode atribuir às conclusões da filosofia existencial.” (CAMUS, 2018, p.40).

Neste ponto, CAMUS coloca em discussão um outro aspecto do suicídio, que é o suicídio filosófico, que CAMUS analisa sob o ponto de vista da filosofia de Kierkegaard, que fundamenta-se no desespero humano, diante do finito, diante da morte, da realidade cheia de desventuras que sufocam o homem com sentimento de impotência, de fracasso levando este homem a se apegar com tudo que possa lhe restituir a esperança, lhe devolver o sentido da vida, de sua existência. Esses fatores são os fundamentadores para o fortalecimento da adesão a

religião, que para ambos os autores se caracteriza como exemplo do suicídio intelectual, e apego ao irracional.

Também para ele (Kierkegaard), a antinomia e o paradoxo tornam-se critérios do religioso. Assim, aquilo mesmo que lhe provoca desespero quanto ao sentido e à profundidade desta vida lhe dá agora sua verdade e sua clareza. O cristianismo é o escândalo, e o que Kierkegaard pede com simplicidade é o terceiro sacrifício exigido por Inácio de Loyola, aquele com o qual Deus mais se delicia: “o sacrifício do Intelecto”. Este efeito do “salto” é bizarro, mas não deve nos surpreender mais. Ele faz do absurdo o critério do outro mundo, enquanto não passa de um resíduo da experiência deste mundo. “Em seu fracasso”, diz Kierkegaard, “o crente encontra seu triunfo” (CAMUS, 2018, p. 47).

Nessa descrição do caminho que o homem percorre, até chegar a algo que lhe restitua a esperança é o mesmo esforço que os suicidas fazem para encontrar a liberdade. Ambas são até certo ponto soluções irresistíveis, mas terrivelmente enganosas na filosofia de CAMUS, pois a “Esperança de uma outra vida que é preciso “merecer”, ou truque daqueles que vivem não pela vida em si, mas por alguma ideia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e traí.” (CAMUS, 2018, p.23). São ilusões, pois a traição está na não concretização do objetivo, primeiro porque é preciso morrer para encontrar a outra existência, sem uma ideia concreta de como seja; e segundo porque nenhuma ideia pode ser maior que o fato de viver em si, por mais ideológico e real que possa ser, aquele que renunciou a própria vida por esse ideal maior, não estará vivo para vive-lo, não o verá concretizado. Para CAMUS, o esforço de se manter, de buscar racionalmente o sentido para existir, sem deixar de ter um olhar atento para as contradições a sua volta, “é se sustentar na medida do possível e examinar de perto a vegetação barroca de suas regiões afastadas” (CAMUS, 2018, p .24).

O futuro é sempre um terreno inserto, não há como prever, como se assegurar que os planos se concretizaram, não havia como dizer o que aconteceria com a humanidade depois da segunda guerra, só imaginar. O Mito de Sísifo data de 1942, e CAMUS faleceu em 1960. As décadas que se seguiram depois do fim da Segunda Guerra Mundial foram marcadas pelo desenvolvimento ainda mais acelerado da ciência, não menos absurda, pois sob a defesa de melhorar as condições e possibilidades da vida humana, as tecnologias eram produzidas com objetivos bélicos⁴, produzindo os mesmos dilemas.

⁴ A Guerra Fria teve início nos anos seguintes ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, com Estados Unidos e União Soviética se firmando como potências hegemônicas, em meio aos demais países com suas sequelas financeiras. Caracterizado por um desenvolvimento econômico fundamentado por disputa ideológica: capitalismo versus socialismo, a guerra Fria terminou em 1991, com a desintegração da União Soviética.

Desde a publicação do Mito de Sísifo até os dias atuais, as inúmeras invenções se deram em todos os campos da ciência: na medicina podemos citar o DNA ou as cirurgias de transplante; no transporte, as viagens espaciais; na comunicação a invenção da TV, do computador, da internet, do celular e das redes sociais, por exemplo. Que trazem incontáveis benefícios às pessoas, aumentando a expectativa de vida, melhorando sua locomoção, além de aproximar as pessoas aumentando sua interação, e diversificando os campos de trabalho, enfim, é inegável o lado positivo dos produtos da ciência. Contudo os aspectos negativos também existem, como citado acima com as considerações de MARCUSE, sobre as insanidades que o sistema econômico impõe sobre cada indivíduo, ressaltadas pelos números cada vez maiores de ocorrências suicídios, demonstram que as ilusões continuam a ser produzidas e destruídas, que os cenários de desespero e angústia persistem, logo as observações de CAMUS também permanecem.

[...] Mas toda a ciência desta Terra não me dirá nada que me assegure que este mundo me pertença. Vocês me descrevem e me ensinam a classifica-lo. Vocês enumeram suas leis e, na minha sede de saber, aceito que são verdadeiras. [...] Então percebo que vocês chegaram à poesia: nunca poderei conhecer. Tanto tempo para me indignar? Vocês já mudaram a teoria. Assim, a ciência que deveria me ensinar tudo acaba em hipótese, a lucidez sombria termina em metáfora, a incerteza se resolve em obra de arte. Que necessidade havia de tanto esforço? [...] Entendo que posso aprender os fenômenos e enumera-los por meio das ciências, mas nem por isso posso captar o mundo. Quando houver seguido todo seu relevo com o dedo, não saberei muito mais sobre ele. Estranho a mim mesmo e a este mundo, armado somente com um pensamento que se nega quando afirma, que condição é esta que só posso ter paz deixando de saber e de viver, em que o apetite da conquista se choca contra os muros que desafiam seus assaltos? (CAMUS, 2018 p. 32 - 33)

4. A Liberdade Absurda

As condições atuais da existência colocam no cotidiano do homem uma infinidade de instrumentos e equipamentos, que são produzidos por mecanismos industriais constantemente aperfeiçoados, tanto na técnica, quanto na velocidade de produção, colaborando para solução dos problemas mais corriqueiros. Como também, possibilita o acesso cada vez maior a informação e ao conhecimento, o que teoricamente deveria tornar as pessoas mais conhecedoras do mundo onde vivem, uma vez que, [...] “Eu só posso compreender em termos humanos” (CAMUS, 2018, p.58), quanto mais “termos humanos” são produzidos, maior é a compreensão do ser humano, e maior é a sua possibilidade de ação nesse mundo. O que não quer dizer liberdade, pois as estruturas que fundamentam as ações, aquelas velhas estruturas que nortearam

as lutas rumo à sobrevivência, construíram verdadeiros muros que limitam as escolhas de cada um. “[...] Por mais que nos afastemos de todo preconceito, moral ou social, em parte sempre os conservamos e até, no caso dos melhores (pois há bons e maus preconceitos), adaptamos nossa vida a eles. Assim o homem absurdo compreende que não é realmente livre” (CAMUS, 2018, p. 63).

A Liberdade Absurda é o capítulo do Mito de Sísifo em que CAMUS analisa a questão da liberdade, tanto do quanto o homem pode se considerar livre, como no tamanho real de sua liberdade. Ambos os pontos dependem irremediavelmente da consciência do absurdo: primeiro porque ele, “esclarece o seguinte ponto: não há amanhã” (CAMUS, 2018, p. 63), essa noção de um futuro que só depende da conservação da vida, leva o homem a preservá-la a fim de colher o maior número possível de experiências boas. E segundo, porque ele impõe um fato, [...] “a loucura e a morte são seus aspectos irremediáveis. O homem não escolhe. O absurdo e o acréscimo de vida que comporta não dependem então da vontade do homem, mas do seu contrário, que é a morte” (CAMUS, 2018, p. 67), que por mais que possa se estender ela sempre tem um fim.

CAMUS explora essa consciência de liberdade e limite em um ponto ainda mais profundo que fundamenta toda a estrutura moral da sociedade, que é Deus. Porque o significado da “liberdade em si” depende de parâmetros que sempre acabam destacando sua contradição, que questiona a existência de Deus, como também do destino, do julgamento, do perdão e principalmente da existência e definição do que é o mal, uma vez que, “[...] ou não somos livres e o responsável pelo mal é Deus todo-poderoso, ou somos livres e o responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso (CAMUS, 2018, p. 62). Além de ser um dos pontos estruturais de todas as discussões do Existencialismo, pois ser livre requer a não existência de um senhor, e por conseguinte, a existência desse amo remete a exigência de prestar contas de seus atos e escolhas, alguém a quem pedir e agradecer, portanto a liberdade é falsa, inexistente. A ética e a moral para os existencialistas vem de outra fonte que não é Deus e sim o direito fundamental a vida e aos seus direitos, que sob sua perspectiva e argumentação, a liberdade limitada ganha coerência. Eis aí um outro ponto em que o absurdo salta aos olhos, e desperta diferentes sentimentos de angústia e desespero, que podem ser positivos se levam à consciência ou negativos se conduzirem a irracionalidade.

Diante das constatações cabe ressaltar que CAMUS apresenta como solução para o sentimento de desespero vindo da angústia, o caminho da racionalidade e a renúncia ao suicídio. Visto que o essencial é o apego a vida (CAMUS, 2018, p.23), diante dos infortúnios, o suicídio é uma prova de fracasso, de desistência, uma vez que é a consciência da realidade que liberta o

homem e não o suicídio, a revolta é o mais digno dos caminhos, porque ela é contrária a desistência da vida, como CAMUS diz:

Abolir a revolta consciente é eludir o problema. O tema da revolução permanente se transfere assim para a experiência individual. Viver é fazer que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, antes de mais nada, contempla-lo. Ao contrário de Eurídice, o absurdo só morre quando viramos as costas para ele. Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpetuo do homem contra sua própria escuridão. [...] Não é aspiração, porque não tem esperança. Essa revolta é apenas a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-la. (CAMUS, 2018, p. 60)

Para CAMUS, o absurdo é necessário à existência humana, pois é o caminho para a saída da caverna e a tomada de consciência da realidade, visto que, conduz o indivíduo a revolta e ao entendimento do real sentido da palavra liberdade dentro das experiências humanas, portanto [...] “Sentir o máximo possível sua vida, sua revolta, sua liberdade, é viver o máximo possível” (CAMUS, 2018, p. 67), o que não quer dizer uma questão de quantidade, nem de qualidade, mas sim de postura e percepção de cada pessoa, de cada sentir simples e distinto. A mesma descoberta que leva a escolha pelo suicídio, também é o mesmo caminho para a compreensão do que é a liberdade e do que é realmente o sentido da palavra viver.

Se ele precisa encontrar uma noite, que seja aquela do desespero que permanece lúcido, noite polar, vigília do espírito, da qual se erguera talvez a clareza branca e intacta que desenha cada objeto a luz da inteligência. Neste nível, a equivalência encontra a compreensão apaixonada. Nem pensar então em julgar o salto existencial. Ele retoma o seu lugar no meio do afresco secular das atitudes humanas. Para o espectador, se ele for consciente, esse salto continua sendo absurdo. Na medida em que acredita resolver esse paradoxo, acaba restaurando-o por inteiro. Nesse sentido, é emocionante. Nesse sentido, tudo retorna ao seu lugar e o mundo absurdo renasce em seu esplendor e sua diversidade. (CAMUS, 2018, p. 69)

5. Considerações Finais.

No mundo atual em que as relações se constroem, cada dia mais, mediante os frutos eletrônicos da ciência e da tecnologia, as possibilidades de se criar ilusões da realidade se tornam cada vez maiores. Cenários e histórias dignas de sonhos se constroem muito facilmente nas mídias, mas quando esse castelo de areia virtual se desmorona, deixa um rastro de desilusão, medo, angústia diretamente ligados aos estados de solidão, tristeza e depressão.

Ao comparar a realidade cotidiana com o Mito de Sísifo, CAMUS constrói uma explicação mais coesa das motivações filosóficas e subjetivas que levam o homem a optar pelo suicídio, diante do seu desespero que vem da falta de sentido da realidade, da rotina que não o

leva a felicidade. A escolha pela a morte, se dá depois de um longo período de sofrimento, que por si só já se caracteriza como um veneno social, e entendê-lo pode auxiliar para a melhoria da sociedade em si.

Chegar a consciência da realidade desigual a qual estamos inseridos, com suas incoerências e contradições, parte do reconhecimento do Absurdo, que pode despertar o mesmo desespero e angústia que levam a opção pelo suicídio. Mas é também é a chave para conduzir à vida, pois não há realidade sem absurdo e enxergá-lo é prova de lucidez.

O desespero e a felicidade são dois produtos do Absurdo, elas não são produzidas a partir do quantidade ou da qualidade com que o indivíduo vive sua vida, mas sim pela maneira como os indivíduos as veem, ou seja, o cerne do problema está no indivíduo que vive, que é consciente. A questão não está na descoberta da explicação para todos os suicídios, mas sim no entendimento da relação do homem com o seu cenário, se ele encontra sentido em sua vida. A busca por uma solução para a existência monótona e enfadonha não passa pelo suicídio, e sim pela consciência de sua realidade, de sua liberdade e da possibilidade de futuro.

6. Referências Bibliográficas

BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. **O Mito de Sísifo: A decisão de viver ou suprimir a vida**. Vitória da Conquista: FILOSOFANDO: Revista de Filosofia da UESB, Ano 1, Número 2. Julho-Dezembro de 2013. p. 18-26. ISSN: 2317 – 3785. Disponível em: periodicos.uesb.br Acesso em: 04/02/2019.

CAMPOS, Fabiano Victor de O. **O Conceito de Angústia como Reflexão Filosófica sobre a Liberdade Humana**. In: PAIVA, Márcio Antônio de (Org.). **Dossiê: Filosofia: Educação para a Diversidade**. Belo Horizonte: *Sapere aude*, Revista do Departamento de Filosofia da PUCMINAS, v. 8, n. 15, p. 187-210, Jan./jun. 2017 – ISSN: 2177-6342. Disponível em: periodicos.pucminas.br Acesso em: 27/06/2019.

COLLETE, Jaques. **Existencialismo**. Porto Alegre: LP&M, 2009.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 10ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CANCIAN, Natália. **Brasil registra 11 mil casos de suicídio por ano**, diz Ministério da Saúde. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/brasil-registra-11-milcasos-de-suicidio-por-ano-diz-ministerio-da-saude.shtml>. Acesso em: 01/03/2019.

JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4 e.d. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

LIMA, Harley C. de Carvalho. **O absurdo e o suicídio: uma visão em Albert Camus**. Mariana: Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM), 2011. Disponível em: <http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1575>. Acesso em 04/02/2019.

LINS, Rafael de Castro. **Albert Camus da Angústia ao suicídio filosófico**. In: LOPES, Cristiano Camilo (Org.). São Paulo: Ciências da Religião: História e Sociedade, v. 14, n. 1, p. 35-55, jan./jun. 2016. ISSN: 19809425. Disponível em: editorarevistas.mackenzie.br Acesso em: 04/02/2019.

MARCUSE, H. **A Ideologia da sociedade industrial**. 4e.d.. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

OLIVETO, Paloma. **Suicídio é responsável por 800 mil mortes anuais e avança pelos países**. Correio Brasiliense, 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2018/06/24/interna_ciencia_saude,690529/suicidio-e-responsavel-por-800-mil-mortes-anuais-e-avanca-pelo-pais. Acesso em: 01/03/2019.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos)

PINTO, Manuel da Costa. **O mito de Sísifo, ponto zero**. In: CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 10ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

SENADO FEDERAL. **Código penal**. Mesa Biênio 2017 – 2018. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 138 p. Disponível em: www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf